

OS PAINÉIS DE AZULEJO DO ADRO DA IGREJA DE SÃO SIMÃO (AZEITÃO)

MARIANA ALMEIDA Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve

EDGAR FERNANDES Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve; Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa

RESUMO A Igreja de São Simão, cabeça da freguesia homónima da região de Azeitão (Setúbal), foi fundada pelo fidalgo português Brás de Albuquerque (filho de Afonso de Albuquerque, o Terrível), em 1570. Possui actualmente, no seu interior, uma colecção significativa de painéis de azulejos policromos datados, grosso modo, de meados do século XVII – um dos quais ostenta a data de 1648.

Também o adro desta igreja, estrutura quadrilátera com cancelas, possui o mesmo tipo de revestimento, composto por 22 painéis de diferentes dimensões e morfologias. Todavia, não se conhecem bem as condições que presidiram à colocação dos azulejos, subsistindo ainda na mente dos locais algumas dúvidas relativas à cronologia que poderá ser atribuída àquele momento. Percebe-se, ainda assim, que muitos dos padrões identificáveis no adro ocorrem também dentro do templo.

Sabe-se que a Igreja de São Simão sofreu algumas reformas decorativas no seu interior, ao longo dos tempos. Apesar de a sua estrutura interna aparentar não ter sido grandemente danificada com o Terramoto de 1755, ocorreu importante remodelação do espaço em 1959, a qual terá transfigurado zonas do templo. Interrogamo-nos, assim, sobre se os azulejos presentes no adro não poderiam ter saído do interior da igreja, após uma qualquer modificação realizada, tendo sido posteriormente aproveitados. Ainda assim, não podemos desprezar a possibilidade de as quintas em redor da Igreja de São Simão (Quinta da Bacalhôa e Quinta das Torres, referências de decoração azulejar da segunda metade do século XVI) terem fornecido ao adro alguns ou todos os elementos decorativos. O presente estudo pretende analisar a decoração do adro da Igreja de São Simão de Azeitão a partir de uma dupla perspectiva, ordenada do seguinte modo: aferição dos vários motivos presentes e respectivas cronologias; compreensão do local original de implantação dos azulejos.

PALAVRAS-CHAVE Igreja de São Simão, adro, azulejos modernos, azulejos industriais, recolocação

1. INTRODUÇÃO¹

O trabalho que publicamos nas actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna e que apresentamos como comunicação no referido evento prende-se com o estudo dos painéis de azulejo presentes no adro da Igreja de São Simão de Azeitão. Este templo cristão localiza-se na freguesia homónima da região

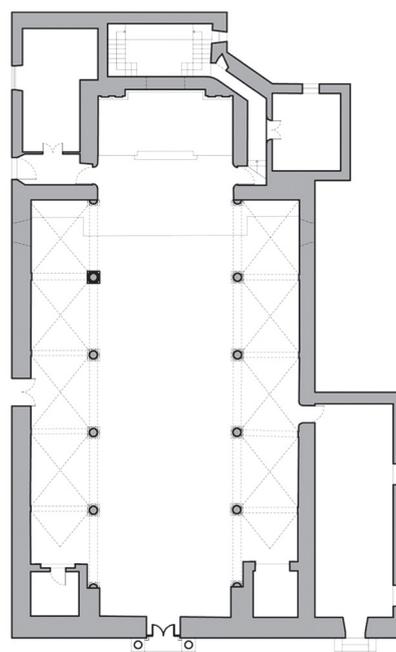
de Azeitão, concelho e distrito de Setúbal, e apresenta fundação com data de 1570, da responsabilidade do fidalgo português Brás de Albuquerque – filho de Afonso de Albuquerque, o Terrível, governador do Estado da Índia entre 1509 e 1515.

O adro desta igreja, estrutura quadrilátera com cancelas e encabeçada por um cruzeiro com data de 1742, possui o mesmo tipo de revestimento, composto por 22 painéis de diferentes dimensões e morfologias. Percebe-se, à primeira vista, que muitos dos padrões identificáveis no adro ocorrem também dentro do templo. No seu interior, a Igreja de São Simão possui uma colecção de azulejos policromos de cronologia que consideramos mista: uns, originais, datam *grosso modo* da primeira metade do século XVII; outros, cópias imitando os originais, terão sido produzidos já no século XX. Sabe-se que ocorreu importante remodelação do espaço em 1959, a qual terá transfigurado zonas do templo e substituído exemplares daquela decoração cerâmica parietal. Interrogamo-nos, assim, sobre se os

1. Queremos exprimir os nossos agradecimentos a Sua Excelência Reverendíssima, D. Gilberto dos Reis, bispo da Diocese de Setúbal, e ao Rev. Padre Luís Matos Ferreira, pároco de São Simão de Azeitão, pela autorização para o estudo dos azulejos do adro e da igreja; ao Sr. Joaquim Oliveira, pela gentil cedência da monografia que elaborou, após aturado estudo, sobre a Freguesia de São Simão; à Dr.ª Carina Gomes (Bacalhôa – Vinhos de Portugal), pela visita guiada que nos fez à Quinta da Bacalhôa; ao Arqt.º Nuno Marôco e associados do atelier M3 – Arquitectura e Consultadoria, pela planta da Igreja de São Simão que nos forneceram e por outras indicações relevantes para a boa execução deste artigo; ao Prof. Doutor Jorge Custódio (FCSH-UNL), que amavelmente se dispôs a responder às questões que lhe colocámos sobre características distintivas das produções industriais de azulejo; ao Mestre Miguel Valério (Universitat de Barcelona), pela leitura e recomendações pertinentes que fez em relação ao nosso texto; e à Dr.ª Joana Gonçalves (IAP-UNL/UAlg), pelo auxílio que nos proporcionou na execução das estampas.



1. Vista da fachada da Igreja de São Simão, em Vila Fresca de Azeitão.



2. Planta da Igreja de São Simão, elaborada pelo gabinete de arquitectura M3. O Norte localiza-se exactamente na direcção do canto inferior direito da planta, estando a capela-mor voltada a Sudoeste.

azulejos presentes no adro – quer modernos, quer contemporâneos – não poderiam ter então saído do interior da igreja, tendo sido posteriormente aproveitados. Ainda assim, não podemos desprezar a possibilidade de as quintas da Bacalhôa e das Torres, referências de decoração azulejar da segunda metade do século XVI, bem como o Palácio dos Duques de Aveiro terem também fornecido ao adro alguns dos elementos decorativos. O presente estudo pretende analisar a decoração do adro da Igreja de São Simão de Azeitão a partir de uma dupla perspectiva, ordenada do seguinte modo: aferição dos vários motivos presentes e respectivas cronologias; identificação do local original de implantação dos azulejos.



3. Pormenor do interior da igreja, em que se pode observar a diferença entre os azulejos industriais na metade inferior e os modernos na metade superior.

2. METODOLOGIAS

Para realizar o trabalho a que nos propusemos, recorreremos a um conjunto de métodos muito distintos, que passaremos a enunciar, de acordo com as fases do estudo que delineámos anteriormente.

Primeiramente, é imperativo distinguir azulejos modernos de azulejos industriais. O objectivo não será, contudo, isolá-los e apartá-los da nossa amostra. O adro da Igreja de São Simão, como actualmente se observa, é uma edificação contemporânea, apenas possível devido ao uso de materialidades derivadas da Revolução Industrial, tais como o cimento. Também a sua decoração é devedora de produções cerâmicas industriais, muito embora sejam azulejos que copiem,



4. Imagem do cruzeiro com a data de 1742.



5. Vista geral do adro da Igreja de São Simão, em que se pode ver a Casa da Índia da Quinta da Bacalhôa em pano de fundo.

com mais ou menos precisão, motivos modernos. Daí que nos pareça imperativo proceder também ao seu estudo, de modo a que não se perca de vista o processo que possibilitou a ornamentação do adro, em 1959. Os critérios que presidem à identificação dos azulejos industriais são os seguintes: cores mais vivas, porque distribuídas mais homoganeamente sobre a placa cerâmica; brilho do esmalte a fazer lembrar produções de porcelana; maior homogeneidade do esmalte e menor ocorrência de alvéolos, devido a novos processos de cozedura; toque mais acetinado, semelhante ao da porcelana; e, em alguns casos, aspecto mais pixelizado da decoração. Convém referir que a análise incidirá separadamente sobre os azulejos modernos e os azulejos industriais, procedendo-se depois ao cruzamento dos dados, com vista a conclusões sólidas. Em segundo lugar, para identificar os motivos presentes em cada azulejo do adro, tornou-se indispensável a consulta do trabalho mais exaustivo até agora realizado sobre azulejaria portuguesa seiscentista, que é da autoria de João Miguel dos Santos Simões e se intitula *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Apesar de contar com mais de quatro décadas de existência, esta obra, executada ao nível da História da Arte, constitui incontornável referência para o estudo do azulejo português, independentemente da abordagem científica que se utilize e que, no nosso caso, é a da Arqueologia. No entanto, existem abundantes problemas no que respeita às datações que apresenta para diferentes

2. No que se refere a este ponto, seguimos as indicações sugeridas pelo Prof. Doutor Jorge Custódio (FCSH-UNL), no que se refere à identificação de azulejos industriais. Ainda assim, a responsabilidade da transposição das suas palavras para este artigo é apenas nossa.

motivos decorativos. Se para a faiança portuguesa têm aparecido relevantes trabalhos contendo organizações crono-estilísticas baseadas em registos arqueológicos com elevado grau de fiabilidade, o mesmo não se pode dizer do azulejo. Todavia, não cabendo executar semelhante labor neste contexto, adoptaremos as datações histórico-artísticas aferidas por Santos Simões, ainda que de modo crítico, assim como atribuiremos aos nossos padrões as denominações criadas por este autor. Por último, será necessário perceber quais as áreas da Igreja de São Simão que foram intervencionadas em 1959, relativamente à substituição de azulejos modernos por exemplares de fabrico industrial. Será também importante compreender quais as causas subjacentes à queda ou remoção daquelas peças decorativas e ao consequente assentamento das suas congéneres contemporâneas.

3. A IGREJA DE SÃO SIMÃO: BREVE HISTÓRIA DO EDIFICADO

A Igreja de São Simão de Azeitão foi fundada pelo fidalgo português Brás de Albuquerque (1500-1581), também conhecido pelo nome do seu pai, o célebre Afonso de Albuquerque, *o Terribil* (1462?-1515), que adoptou após a morte deste último. O processo de fundação deste templo ocorreu durante o ano de 1570, entre a intenção de Brás e o seu compromisso de padroado, a 9 de Julho, e a autorização do rei D. Sebastião (r. 1557-1578), como governador da Ordem de Santiago, a 26 de Setembro (Oliveira, 1995, p. 51, 58).

O novo edifício religioso implantou-se sobre uma antiga ermida, dedicada também a São Simão, que aparece

referida em visitas efectuadas por membros da Ordem de Santiago, em 1516 e 1553. Menciona-se, acerca desse pequeno templo primitivo, que seria de grande antiguidade e que o seu altar seria de alvenaria forrada



6. Painel 2.



7. Painel 7.



8. Painel 17.



9. Painel 19.

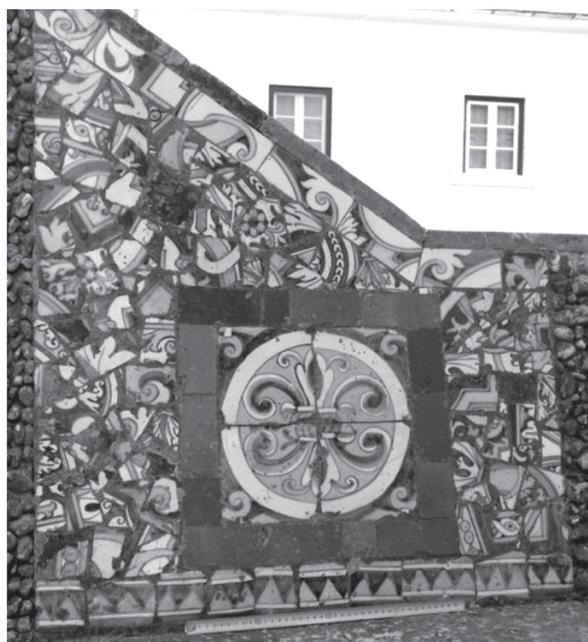
a azulejos (*ibidem*, p. 115-116) – que só poderiam ser hispano-árabes ou de enxaquetado.

A igreja actual é composta por uma cabeceira rectangular e um corpo dividido em três naves de cinco tramos. Teria quatro torres, derrubadas pelo Terramoto de 1755 e descritas pelo pároco da freguesia, Pe. Manuel de Távora, em 1758. Uma seria uma torre sineira, outra seria torre de relógio e as duas restantes são denominadas «fantásticas». Destas quatro, duas houve que caíram e as outras ficaram severamente danificadas (*ibidem*, p. 121-122). Toma-se consciência da existência destas construções através de dois elementos: um processo judicial decorrido entre 1765 e 1768 para reedificação da igreja tal como era antes do Terramoto, após o qual se decidiu reconstruir apenas uma das torres (*ibidem*, p. 124); e também a observação dos volumes exteriores da igreja, bem como das suas plantas, onde se identifica nitidamente a presença desses quatro elementos, mais ou menos disfarçados.

4. O ADRO DA IGREJA DE SÃO SIMÃO

A Igreja de São Simão possui, a Nordeste, um amplo adro sobreelevado relativamente ao terreno envolvente e à mesma cota do templo. A configuração deste espaço é sub-rectangular e o seu perímetro interno é de 61,35 m. Possui dois portões de ferro forjado, que se localizam a Noroeste e a Sudeste.

A data de construção desta estrutura, como hoje se conserva, é incerta, sendo possível pensar-se que não seja contemporânea da fundação da igreja. O que é certo é que, em algum momento da História, o adro que hoje se observa foi edificado e que cumpriu o seu propósito



10. Painel 20.

de enterramento de fiéis, tendo sido encontrados restos osteológicos e pedaços de ataúdes, durante obras de transformação do espaço. Sabe-se, no entanto, que este possuiria uma configuração próxima da actual e que estaria já sobrelevado perto de meados do século XVIII, devido à existência, diante da porta principal da igreja, de um cruzeiro com a data de 1742.

Em redor do adro, delimitando-o juntamente com o cruzeiro, corre um banco de calcário com costas de cimento encimadas por tijoleira. Na parte interior da estrutura, o cimento foi coberto por azulejos, inteiros e fragmentados, e seixos rolados. Em termos de Arqueologia da Arquitectura, se, por um lado, nunca se realizaram escavações arqueológicas no adro que permitissem avaliar as suas várias fases de construção, por outro, tanto o interior como o exterior estão revestidos, respectivamente, quer por azulejos e seixos rolados, quer por cimento e cal. Após observações, achamos que a pedra constitui o limite original do adro, enquanto o cimento e a tijoleira são adições ulteriores.

5. OS AZULEJOS DO ADRO DA IGREJA DE SÃO SIMÃO

O conjunto azulejar do adro da Igreja de São Simão é formado por vinte e dois painéis intercalados por conjuntos de seixos rolados, que se encontram em toda a zona descrita no ponto anterior. A área total ocupada pelos 176 azulejos inteiros e 3170 fragmentos é de cerca de 15,85 m². Apenas 175 azulejos e 2195 fragmentos mantêm decoração e técnica de produção identificáveis. Deve referir-se que o painel 12 mantêm apenas quatro fragmentos de canto, por ter sido destruído com a queda de um ramo de árvore, no Inverno de 2004.

Dezoito painéis são quadrangulares e os restantes quatro, que ladeiam os portões, são pentágonos altamente irregulares, constituídos por um rectângulo encimado por um triângulo rectângulo. Transversal a todos é a organização interna, que tende para a centralidade e simetria, valorizando-os esteticamente. Assim, percebe-se que houve aproveitamento das potencialidades originais de alguns azulejos e adaptação de outros, com vista à execução de um plano predefinido. A organização externa dos painéis diz-nos que a implantação parece ter começado a partir do cruzeiro, em duas frentes, uma das quais relativamente mais curta do que a outra. Deu-se preponderância à alternância entre enxaquetados azuis e brancos rodeando os motivos centrais, salvo no caso do nosso painel 7 – que não possui esse tipo de peças, mas que também não afecta o panorama geral que descrevemos. Em certos casos, como nos painéis que ladeiam os portões, não se utilizaram sempre frisos e cercaduras para as suas funções

primitivas. Cortaram-se azulejos de padrão para esse efeito, tal como se usaram os elementos atrás mencionados no interior dos painéis, fragmentados ou como motivos centrais compósitos.

Como se disse na introdução e seguindo os dados a respeito da constituição do adro, pensamos que esta decoração foi introduzida na estrutura aquando de remodelações efectuadas no interior da igreja, em 1959, das quais existem testemunhos orais na paróquia e registos escritos produzidos pela antiga Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Executaram-se várias transformações, entre as quais remodelações azulejares que respeitaram, à partida, as decorações existentes no templo, copiando-as. Consegue perceber-se facilmente que fiadas de azulejos da igreja correspondem a cópias industriais, devido à vitrificação do esmalte. Observa-se, de igual modo, que apenas as partes inferiores das paredes foram intensamente remodeladas, devido à absorção de humidade do solo e consequente degradação dos revestimentos³.

Não sendo possível, neste trabalho, pormenorizar a descrição dos vários painéis, remetemos essa informação para uma tabela que fará corresponder a cada painel os padrões e o número de peças nele existentes. Mais relevante será o estudo da proveniência dos azulejos. Seguiremos, como dissemos antes, o princípio de distinção entre azulejos modernos e azulejos industriais. Contam-se, entre os 2370 exemplares identificáveis, 1461 modernos contra 863 industriais e 46 cujo tamanho exíguo não permitiu distinguir a técnica produtiva. Em relação aos azulejos modernos, percebemos que 1003 peças (68,65%) têm paralelos *in situ* na igreja, enquanto 406 (27,79%) encontram equivalentes *ex situ* no mesmo templo – sendo que a sua colocação no interior deste edifício e os relatos orais revelam a sua origem exógena relativamente ao local onde actualmente se encontram. Por fim, 52 peças (3,56%) não possuem paralelos na Igreja de São Simão.

O motivo mais frequente nos azulejos modernos do adro é P-604 (19,23%), que apresenta mais do dobro da percentagem daquele que se lhe segue, F-13 (9,45%). Acima de 5% encontramos ainda os motivos C-1 (8,97%), P-401 (8,56%), P-405 (7,12%) e P-31 (6,23%), todos *in situ*, mas também B-62 (5,34%) e P-388 (5,27%), que estão *ex situ*. O primeiro de ambos é referido como existindo na Igreja de São Simão, embora raro e de produção efémera (cf. Simões, 1997, p. 186).

3. Esta informação foi-nos fornecida oralmente pelos arquitectos do atelier M3 – Arquitectura e Consultadoria, que têm desenvolvido trabalhos na Igreja de São Simão e a quem muito agradecemos. Resta acrescentar que este fenómeno é observável no sítio, é conhecido da população e continua a fazer estragos entre as cópias colocadas nas paredes da igreja.

Em relação a exemplares que mereçam distinção, no conjunto dos azulejos modernos do adro, devemos referir um fragmento de P-432 (0,75%, *ex situ*) com o desenho contornado por óxido de manganês, o que não se regista nos restantes artefactos com o mesmo motivo, nem nas obras de referência (cf. Simões, 1997, p. 77). Todavia, sabe-se que o uso de manganês no contorno de elementos decorativos ocorre frequentemente, a partir da década de 40 do século XVII, na faiança portuguesa (Casimiro, 2011, p. 662) e que existem azulejos figurativos dessa cronologia apresentando sombreados feitos com o mesmo óxido (Meco, 1985, p. 38), entre os quais os painéis 5 e 10 da varanda nobre do actual Palácio Nacional de Belém (Correia, 2005, p. 22).

Por outro lado, encontramos três padrões ditos de maçarocas: P-107 (0,82%, *in situ*), P-101 (2,46, *ex situ*) e P-117 (0,27, sem paralelo). Apenas o primeiro tem correspondentes industriais, sendo que os outros deverão certamente corresponder a recolhas exteriores ao templo que foram entretanto utilizadas dentro e fora dele. Talvez os exemplares mais inesperados deste conjunto sejam os pertencentes ao padrão C-34, denominados «dente de lobo» (1,1%, sem paralelo). Trata-se de peças com cronologias mais recuadas, que não são frequentes em Portugal, por aqui co-protagonizarem o primeiro grupo de azulejos de tapete em majólica. O sítio onde ocorre maior número de exemplares no nosso país será, porventura, a Igreja de São Roque, em Lisboa, de onde estão datados de finais do século XVI. Em Azeitão, os nossos dezasseis exemplares modernos parecem provir de três produções distintas, com traços bem definidos. Todas as peças estão inteiras, apenas com algumas falhas no esmalte, fruto do desgaste dos séculos. Tal circunstância indica que se tratarão de produções de excelente qualidade, não provenientes de um suporte em ruína, que foram recolhidas e muito possivelmente guardadas nesta paróquia.

Finalmente, refira-se quatro fragmentos (BAC-1, 0,27%, sem paralelo) que não se encontram registados nos *corpora* da área, mas a que podemos atribuir cronologia do século XVII, devido, em primeiro lugar, ao facto de serem produções claramente não industriais e, em segundo lugar, ao cromatismo típico dessa época. No entanto, o único sítio em que encontrámos paralelos para estas peças é a Quinta da Bacalhôa, onde azulejos de majólica do século XVI exibem o mesmo padrão, embora com assinaláveis diferenças de cor e técnica (cf. Simões, 1990, est. XXIV, fig. C). Deste local, provirão certamente sete azulejos quinhentistas de majólica que se encontram actualmente no nicho que alberga a estátua de São João Baptista, na zona em que se situa a pia baptismal da Igreja de São Simão.

Estas peças foram colocadas nas paredes do templo já durante o século XXI.

Relativamente aos azulejos de fabrico industrial, concluímos que 726 peças (84,12%) correspondem a padrões que estão *in situ* na igreja, 117 (13,56%) estão *ex situ* e 20 (2,32%) não têm paralelo. Acima de 10% de frequência relativa, temos os motivos P-604 (16,57%), C-1 (14,83%), P-405 (11,12%), P-401 (11,01%) e P-31 (10,31%), todos *in situ*. Acima de 4%, aparecem-nos F-13 (7,3%) e F-10 (4,83%), igualmente *in situ*.



11. Pormenor do motivo seiscentista BAC-1 e sua relação com os azulejos do século XVI da Quinta da Bacalhôa.



12. Pormenor do motivo P-31, que existe *ex situ* na igreja e na Quinta da Bacalhôa.

De todos estes, apenas P-604 tem maior número de exemplares modernos do que de industriais. De resto, é sintomático que se observe que os motivos acima mencionados sejam os mais abundantes em número nas paredes da Igreja de São Simão, ao passo que outros *in situ*, como C-76 (3,71%), P-93 (3,48%), P-107 (0,81%) e B-1 (0,12%), ocupam áreas menores na decoração parietal do templo.

No que respeita às datações dos motivos, temos, à falta dos métodos arqueológicos de datação, de seguir criticamente as cronologias definidas por Santos Simões, na obra que citámos no ponto relativo às metodologias (cf. Simões, 1997). Assim, os azulejos *in*

situ têm um intervalo óptimo de c. 1620 a c. 1630 e de c. 1640 a c. 1660, que tentaremos explicar adiante. Os *ex situ* têm-no entre c. 1650 e c. 1660 e os azulejos sem paralelo na igreja, entre c. 1620 e c. 1630. O intervalo mais lato, para todos eles, situa-se entre c. 1600 e c. 1670.

Os azulejos *in situ* têm, como se observa, dois intervalos óptimos com uma década de distância entre ambos. Analisando isto à luz da óptica do progressivo azulejamento de um espaço religioso, poder-se-ia pensar que os motivos se encontrassem em lugares bastante afastados dentro da Igreja de São Simão, o que não ocorre. Porém, é importante considerar a data presente num pequeno painel deste templo, representando São João Baptista e mandado fazer pelos mordomos e escrivães que serviram em 1648 (cf. Simões, 1997a, p. 201). Não se sabe se a obra a que se refere este testemunho é o azulejamento total da igreja, ou apenas ele mesmo. O que se percebe é que esta representação se enquadra no intervalo óptimo de c. 1640 a c. 1660, ao qual só foge o motivo P-93 (c. 1620 a c. 1630). É de crer, pois, com base na informação apresentada, que a datação conferida por Santos Simões a este padrão esteja errada, devendo o mesmo ser incluído num azulejamento global da igreja a ter tido lugar por volta de 1650.

6. PARALELOS REGIONAIS

No nosso apontamento introdutório, aludimos à necessidade de estabelecer comparações entre a parte do espólio azulejar do adro da Igreja de São Simão que não encontra paralelos *in situ* no templo e os vários edifícios em seu redor que possuem coleções desse tipo de materiais. Mencionámos as quintas próximas, da Bacalhôa e das Torres, e o Palácio dos Duques de Aveiro, mas não deixaremos de observar outros locais cuja pertinência o justifique.

Começando pela Quinta da Bacalhôa, temos de referir que, à altura da construção da igreja, o palácio e o terreno pertenciam a Brás de Albuquerque e que ainda hoje existe uma porta da quinta que se localiza quase em frente ao adro do templo. Sabe-se, aliás, que a Bacalhôa não tem capela, talvez porque esse papel fora atribuído à antiga ermida e à actual igreja. A decoração desta propriedade tem sido objecto de vários estudos ao nível da História da Arte, nomeadamente devido à presença daquele que é considerado o primeiro revestimento azulejar fabricado segundo a técnica da majólica em Portugal. Este oferece padrões únicos, inspirados em modelos italianos e flamengos, cuja utilização não ultrapassará os finais do século XVI (Simões, 1990, p. 102-103). Entre estes, está o motivo que influenciou os quatro fragmentos seiscentistas que denominámos BAC-1.

No caso do adro da Igreja de São Simão, os azulejos apresentam, como se viu, um intervalo óptimo de datação entre c. 1620 e c. 1660, a fazer fé no trabalho de Santos Simões, enquanto o intervalo mais lato se situa desde c. 1600 até c. 1670. Esta cronologia não é consentânea com a atribuível às peças da Bacalhôa, salvo em um caso. Numa das varandas do palácio que dão para o interior da quinta, virada a Norte, encontramos o padrão P-31, que ocorre *ex situ* na igreja. Estando também incompleto na quinta, é de descartar por inteiro a sua colocação naquele lugar como sendo a original das peças.

Esta ideia de relações entre os dois sítios que referimos, no tocante aos azulejos, encontra eco em testemunhos de alguns habitantes de Vila Fresca de Azeitão, que referem que o já falecido Pe. Manuel Frango de Sousa, pároco da freguesia de São Simão entre a década de 1960 e a de 2000, identificou vários fragmentos existentes na Bacalhôa como pertencendo a um ou a outro painel. Essas peças avulsas integram agora a Colecção Berardo.

No que respeita à Quinta das Torres, quer o trabalho realizado por Santos Simões, quer a visita de um de nós⁴ comprovam a existência de painéis datados dos séculos XVI e XVIII (cf. Simões, 1990, p. 107-108), mas não do século XVII. É altamente provável que tenha existido decoração azulejar dessa centúria, mas deverá ter sido obliterada pelos exemplares setecentistas, como se sabe que aconteceu em tantos locais pelo nosso país fora.

Quanto ao Palácio dos Duques de Aveiro, em Vila Nogueira de Azeitão, é certo que foi azulejado, porque Santos Simões refere a existência de uma sala térrea decorada com essas peças, bem como de um painel figurativo (Simões, 1997a, p. 201-202). Todavia, como se trata de propriedade particular encerrada ao público, não nos foi possível comprovar ou rejeitar a existência de produções de tapete datadas do século XVII, mas sabemos que o autor do *corpus* não as registou.

Após percepção deste panorama, foi numa área geográfica ligeiramente mais afastada da igreja que encontramos um paralelo para alguns dos azulejos que estudámos. Trata-se do Convento de Nossa Senhora da Arrábida, que, ainda assim, não dista muito da paróquia de São Simão. Sabe-se, através de uma fotografia publicada, que, em 1951, a Capela da Memória do referido convento se encontrava forrada a azulejos de padrão de vários tipos, que foram removidos sem deixar rasto (Pimentel, 1992, p. 53). Segundo a observação dessa mesma imagem, percebemos que os motivos C-71 e P-255 existiam nessa capela e se encontram

4. Mariana Almeida.

	P-604	P-388	F-13	F-10	C-1	P-43	C-34	P-107	B-62	P-31	P-401	P-500	P-405	P-93	P-2	P-101	P-432	C-64
Painel 1	10+[7]	4	6+[5]	2+[7]	8+[2]	5+[1]				2	1+[1]			1				
Painel 2	[1]		1	1	3+[6]	4	16+[9]	[2]	6	7	3+[4]		[4]	2				
Painel 3	3+[8]	3+[1]	9+[4]		3+[4]	5+[1]				5+[3]	1+[1]	[4]	5+[6]	[1]				
Painel 4	3+[7]	8+[1]	8+[3]		[5]	6			2	5		4	6+[3]	[3]	1			
Painel 5	[2]	3	[5]	3	3+[2]	2+[1]			33+[9]	4	4+[4]		1+[3]	[1]	1	6		
Painel 6	33+[21]	18+[3]	3+[1]	7+[2]	5+[7]	2+[2]			1	7+[3]	22+[18]		2+[5]	2+[2]			1+[3]	
Painel 7	5+[3]	3	3+[2]	5+[4]	3+[4]	4+[2]		4		4	4+[3]		2+[4]	[2]		1	1	3
Painel 8	47+[20]	2	2	5+[2]	12+[7]	1+[2]		2+[1]		7+[3]	6+[4]		1+[5]	2+[2]				
Painel 9			4	3+[2]	10+[11]				6+[1]	[12]	1+[4]			2+[1]		6		[11]
Painel 10	36+[29]		3+[1]	3+[4]	4+[3]			7		1+[10]	3+[2]		3+[10]	[1]				
Painel 11	2	3+[2]	6+[3]	1+[5]	2+[3]	3+[7]		1+[1]	4	2+[6]	24+[14]		3+[2]	2+[6]	13+[12]	16		
Painel 12															2+[2]			
Painel 13	4+[3]	6	2	7+[4]	5+[5]			1	6+[1]	4+[10]	12+[4]		21+[8]	[2]	25+[5]			
Painel 14	14+[1]	7		3+[1]	8+[6]	3+[2]		[1]	11	9+[5]	2+[6]		8+[13]	[1]	15+[10]	6		
Painel 15	44+[27]		[1]	[1]	6+[7]	3				8+[7]	3+[8]		15+[4]					
Painel 16	9		1		7+[21]	2			1	[4]	5		7+[6]	[1]	[1]			
Painel 17	17	11	4	[1]	24+[12]	5+[3]				3+[6]	11+[3]		8+[4]		1	1		[2]
Painel 18	11+[1]	4+[2]	53+[7]	2+[1]	12+[9]	6			5	5+[7]	10		14+[2]	[1]				
Painel 19	13+[6]	1	10+[2]	3	3+[1]	4				2+[5]	5+[4]		2+[2]	[4]			4	
Painel 20	18+[8]	2	7+[4]	[2]	4+[3]					1	4+[7]		1+[6]	[3]				
Painel 21	8+[1]	3	15+[21]	1+[3]	12+[6]	2		[2]	5	11+[7]	5+[8]		10+[8]	1+[1]				
Painel 22	10+[1]		10+[4]	1+[3]	1+[5]	3				3+[1]	1+[1]		4					
TOTAL	430	87	210	89	264	82	25	19	91	179	223	8	208	44	88	36	13	16

	Fragmentos de azulejos modernos
	Fragmentos de azulejos industriais
P-604	Motivos <i>in situ</i> na Igreja de São Simão
P-388	Motivos <i>ex situ</i> na Igreja de São Simão
C-34	Motivos sem paralelo na Igreja de São Simão

P-406	P-117	F-22	P-421	C-134	C-76	P-85	B-13	B-1	P-422	B-19	C-60	C-92	C-71	P-26	P-255	B-23	BAC-1	TOTAL
			1	1+[1]		1		1										67
							5											74
				[1]	1	2	1				[1]							70
		2		[1]	3+[2]	1	3	1			1						1	80
				[3]							1						1	92
								1										171
				1	1		14+[1]	15+[1]							1+[1]			102
				1+[2]	4+[1]													138
7	1				1+[1]		2											86
	2	2	2+[2]	[2]	[3]													133
3+[1]				[1]	[6]		3											43
																		4
1	1	1		1+[2]	6		2	2				2						153
				[4]			5	4	1									150
		1	[1]		1	1		3	3									144
			1		[1]		1											68
		1			1			3		1	2	2	1	3+[1]		[1]	1	133
1				[1]	1+[4]		3	6							1+[2]			171
					[4]		4	7										86
					1+[2]			1										81
1				[1]	[3]	1	4						1	[2]			1	144
		6+[5]			1+[1]	2+[2]		1										66
14	4	18	7	23	53	10	48	46	4	1	5	4	2	6	8	1	4	2370

13. Tabela (em duas estampas) contendo a relação dos azulejos modernos e industriais com motivos identificados do adro da Igreja de São Simão.

ex situ na Igreja de São Simão (pia baptismal e sacristia, respectivamente) e também no adro. Esta circunstância torna extremamente provável que alguns destes azulejos que estudamos sejam provenientes do Convento da Arrábida.

7. CONCLUSÕES

Após termos procedido à análise do nosso objecto de estudo e à aferição dos respectivos paralelos, quer na Igreja de São Simão, quer fora dela, foi-nos dado a entender, em primeiro lugar, que o espólio é, à partida, cronologicamente divisível em duas épocas: século XVII e século XX. Não excluimos que possam existir exemplares industriais datáveis do século XIX, devido à absorção de água pelas paredes da igreja, de que atrás falámos, e consequente necessidade de substituição de peças.

Apenas se conseguiu identificar os motivos decorativos presentes em 70,83% do total de fragmentos de azulejo que estudámos. Percebeu-se que a quantidade de azulejos modernos supera grandemente o número



14. Pormenor do banco corrido do *Parc Güell*, Barcelona.

daqueles que foram produzidos na Época Contemporânea, com percentagens de 61,65% e 36,41% respectivamente. Sabe-se também que 1,94% dos fragmentos com padrão identificado, de exíguas dimensões, não possibilitaram a percepção da sua técnica produtiva.

Dos exemplares modernos, 68,65% têm paralelos *in situ* na igreja, 27,79% possuem equivalentes *ex situ* no templo e 3,56% não encontram paralelos nesse edifício. Os motivos mais frequentes⁵ são P-604, F-13, C-1, P-401, P-405, P-31 (todos *in situ*), P-388 e B-62 (todos *ex situ*). No que diz respeito aos azulejos industriais, 84,12% têm paralelos *in situ*, 13,56% têm-nos *ex situ* e 2,32% não os têm na igreja. Os motivos mais frequentes⁶ são P-604, C-1, P-405, P-401, P-31 e F-13 (todos *in situ*). Daqui se percebe que os motivos modernos e industriais mais frequentes são os *in situ* e que coincidem totalmente entre si.

Se observarmos a decoração azulejar da Igreja de São Simão, percebemos que o motivo predominante é, inequivocamente, P-604, que se encontra no altar-mor e à entrada do templo e que é acompanhado por F-13 e C-1 nos espaços sobre as arcadas, na nave central. De resto, P-405 com C-1 ocupam os primeiros tramos das naves laterais; P-31 com C-1 encontram-se nos segundos; o terceiro tramo da nave sul ostenta a conjugação entre P-401, F-10 e C-76, enquanto o terceiro da nave norte apresenta P-107 delimitado por B-1; os quartos tramos das naves laterais são novamente ocupados por P-401, F-10 e C-76, de ambos os lados; finalmente, o quinto tramo sul ostenta P-93 cercado por C-76, enquanto o seu correspondente setentrional acolhe P-31 e C-1. Assim se compreende que os motivos *in situ* P-604, C-1, P-405, P-401, P-31 e F-13, sejam predominantes no adro, visto que também são preponderantes na decoração do templo.

Ainda em relação à Igreja de São Simão, objecto colateral do nosso artigo, importa referir que Santos Simões a visitou e estudou os seus azulejos. No entanto, embora o inventário que fez tenha ignorado o revestimento da metade este do templo, que se sabe que já existia na época em que o autor visitou o edifício, é inegável que apresenta algumas informações relevantes, nomeadamente quando refere esta igreja como «notável» em termos de azulejos seiscentistas (Simões, 1997a, p. 200-201), mas também por mencionar o seguinte:

Em obras relativamente recentes, com a retirada de um coro de madeira, houve que mandar fazer azulejos para

revestir a parede fundeira⁷ e, bem assim, outros trechos parietais do lado da epístola. Recorreu-se à fábrica de Lisboa especializada nestes trabalhos, tendo-se fornecido os modelos dos padrões existentes. (Ibidem, p. 200)

É pena, efectivamente, que se tenha perdido a memória de que fábrica teria produzido as réplicas que também aqui estudámos. O mais provável é que se trate da conhecida Fábrica Sant'Anna, que tem laborado continuamente na criação de azulejos de todo o tipo, incluindo cópias de padrões seiscentistas, desde 1741, utilizando métodos artesanais. Quanto às cópias dos motivos *ex situ* e sem paralelo na igreja, não será de excluir que também tenham sido feitas réplicas de alguns dos primeiros, mas percebe-se que os segundos são escassos, quer no que respeita a exemplares modernos, quer no que respeita a contemporâneos.

Também sobre azulejos com motivos externos à igreja, diz-nos ainda Santos Simões que se encontram na sacristia alguns azulejos encontrados em arrecadações do templo, correspondentes aos seus motivos P-406, P-255 e P-32 (*ibidem*, p. 201). Refira-se que os dois primeiros se encontram no adro, e que estão ambos classificados como *ex situ*.

Quanto aos paralelos exteriores, percebemos que, para além de algumas ocorrências relacionadas com a Quinta da Bacalhôa – nomeadamente no que respeita a P-31 e ao motivo a que demos o nome de BAC-1 –, não existem paralelos nos grandes edifícios azulejados em redor da Igreja de São Simão. Para além do próprio templo, o único local que muito provavelmente terá oferecido ao adro alguns dos seus exemplares terá sido a Capela da Memória, no Convento da Arrábida.

Embora tenhamos conseguido apenas ter a percepção de um sítio fora da igreja a fornecer azulejos ao adro que estudámos, não deixa de ser interessante que se trate também de um local religioso. Com efeito, sabe-se que a Igreja Católica era de longe o maior cliente das manufacturas de azulejos em Portugal, durante o século XVII (cf. Simões, 1997, p. 12-13), o que não deixa de estar patente nesta procura de equivalências para o nosso espólio.

Finalmente, importa perceber o contexto de construção do adro da Igreja de São Simão tal como se conhece hoje. Trata-se, como dissemos, de uma obra que terá sido executada por volta de 1959, no âmbito de uma importante remodelação do templo. No entanto, é nítido que parece ter havido dois conceitos que presidiram à edificação desta estrutura, nessa época: o aproveitamento de azulejos modernos e de sobras de azulejos industriais, relacionados com a igreja e

5. Nesta secção do texto, enunciar-se-ão apenas os motivos com representatividade igual superior a 5% de frequência absoluta.

6. Vd. nota de rodapé anterior.

7. Leia-se, a fachada principal da igreja, que se encontra virada a Nordeste.

com outros edifícios religiosos, e também o gosto por composições decorativas resultantes de objectos cerâmicos fragmentados.

Não obstante um certo grau de improviso – até porque se trata de uma obra de reaproveitamento decorativo –, o adro parece ter sido programado. Já atrás referimos a alternância quase perfeita entre centros com enxaquetados brancos e azuis e a organização interna e tendência para a simetria de cada um dos painéis. Acrescentamos que é inegável que, à sua maneira, esta obra se transforma num projecto de recuperação de peças artísticas descartadas, conferindo-lhes nova dinâmica em termos de estética e prolongando o seu valor como objecto de fruição.

Por outro lado, é certo que esta decoração se encaixa em pressupostos conotados com uma certa desordem ordenada, que reflecte, em nossa opinião, as tendências contraditórias entre uma arte de origem clássica – representada pelo próprio azulejo inteiro, pelo tricromatismo regular que apresenta e pelo seu encadramento lógico nas cercaduras – e as novas correntes modernistas do século XX – seguramente mais espelhadas nos fragmentos de dimensões, formas e colocações anárquicas que recheiam os espaços internos dos painéis.

Assim e embora existam vários paralelos em Portugal para construções deste tipo, eles passam-nos muitas

vezes ao lado, por se tratarem quase sempre de estruturas funcionais, como simples bancos. No entanto, conhece-se um banco corrido cujo valor artístico se encontra internacionalmente atestado e que pode servir de paralelo aos conceitos que presidiram à decoração do nosso adro: o que foi edificado pelo arquitecto modernista catalão Antoni Gaudí (1852-1926) no *Parc Güell*, em Barcelona, no início do século XX.

No caso do adro da Igreja de São Simão, porém, os seus azulejos não são simplesmente um produto de arte elaborado para integrar essa obra, mas espelham os ritmos da História – ou seja, as mudanças mais ou menos profundas ocorridas no próprio templo, em alguns sítios que conhecemos e em outros locais que talvez nunca cheguemos a identificar. Esta estrutura também contém testemunhos únicos, relacionados directamente com o seu contexto e cuja memória importa preservar – como as cópias seiscentistas de azulejos quinhentistas da Quinta da Bacalhôa. Reside nela, por fim, a memória de uma tentativa de conservação do passado e da sua transposição para o presente, servindo sempre para contemplação da população. É por todas estas razões – e pela conhecida inclemência de ramos de árvores e mãos humanas – que nos sentimos impelidos a estudar este adro e que aqui o apresentamos, em breves páginas.

BIBLIOGRAFIA

CASIMIRO, T. M. (2010) – *Faiança portuguesa nas Ilhas Britânicas (dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado.

CORREIA, A. P. (2005) – Azulejos. Do Palácio de Belém. In GASPARD, D. (ed. lit.) – *Azulejos, estuques e tectos do Palácio de Belém*. Lisboa. Museu da Presidência da República, p. 12-45.

MECO, J. (1985) – *Azulejaria Portuguesa*. Col. Património Português. [S.l.]. Bertrand Editora.

PIMENTEL, J. C. (1992) – *Arrábida – História de uma região privilegiada*. [S.l.]. Edições INAPA.

OLIVEIRA, J. (1995) – *Monografia da Freguesia de São Simão de Azeitão*. Texto policopiado, gentilmente cedido pelo autor.

SIMÕES, J. M. S. (1990) – *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, J. M. S. (1997) – *Azulejaria em Portugal no séc. XVII. Tomo I – Tipologia*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, J. M. S. (1997a) – *Azulejaria em Portugal no séc. XVII. Tomo II – Elenco*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.